

Transitoriedades na arte, na cultura e na educação, em tempos atuais

V Diálogos Internacionais em Artes Visuais
II Encontro Regional ANPAP Nordeste

Lucimar Bello Frange

Prof^a. Dr^a. Aposentada UFU-MG

Pesquisadora voluntária PUC-SP

Resumo

Os dois dias de trabalhos imersivos, nos V Diálogos, permitem ampliar as anotações anteriores, assim como sustentar uma estrutura de tópicos para pensamentos esgarçados, tal qual a vida contemporânea. Uma combinatória de números é feita a partir das datas 24-08-2016 e 25-08-2016. Essas permitem que o leitor-pesquisador articule um texto outro, além do escrito. Tento gerar um “estado de cartema”, uma colagem, um quebra cabeças, com imensas dúvidas. Muitas vozes são trazidas e coladas ao texto para ancoragens e germinações de atos de criar, de pesquisar, de educar-em-arte, sempre em práticas de poíesis compartilhadas.

Palavras chave: Artes visuais, pesquisa, educação, cartema.

Abstract

The two-day immersive work in V Dialogues, allow you to extend the previous notes, and sustain an outline for frayed thoughts, like contemporary life. A combinatorial numbers is made from the dates 8/24/2016 and 8/25/2016. These allow the reader - researcher articulates another text, in addition to writing. I try to generate a “state of cartema” as a collage, a puzzle with lots of uncertainty. Many voices are brought and pasted the text to anchors and germination acts to create, to research, to educate in art-education, always shared poiesis practices.

Keywords: Visual arts, research, education, cartema.

Antes do dia 24 de agosto de 2016

Transitar, um verbo de muitos lugares, nem aqui, nem lá, mas em *instantes-já* escreve Clarice Lispector. Tento colecionar instantes gestados em coletivos. Transitoriedades, modos de interregno, de evanescências, deslocamentos, e mesmo de des.a.locamentos; modos de gestar não-saberes ao invés de afirmar “os já-sabidos”. Transitoriedades, momentos fugazes, bolhas de sabão, um piscar de olhos, acontecimentos de miúdos que, juntos viram “fórmãs”, advindas das “fôrças” do mundo.

Transitar, passar, voar, fugir, correr, murchar, galopar, evaporar, perecer, escapar. São desses lugares que falo. São eles que me agitam. São eles que me desesperam, são eles que me sustentam. Os fluxos de quase-mortes sustentam a criação na arte e na vida, criações que pedem muitas passagens, entre os muitos de mim e os imensos muitos de outros, com os quais convivo, com os quais me inquieto.

Agnaldo Farias afirma que a arte contemporânea é constituída por obras tão singulares que sugere um arquipélago com muitas ilhas. Por um lado, interligadas, por outro, completamente distintas. Tanto existem semelhanças, quanto imensas diferenças. Surgem descontinuidades, cada obra se apresenta como um desdobramento da anterior. Cada obra é um sinal de descontentamento, um sintoma de insatisfação, uma crítica à noção de arte. *Um arquipélago, porque cada boa obra engendra uma ilha, com topografia, atmosfera e vegetação particulares, eventualmente semelhante à outra ilha, mas sem confundir-se com ela. Percorrê-la com cuidado equivale a vivenciá-la, perceber o que só ela oferece.* Somos muitas ilhas esparsas, conexas e difusas.

Vivemos muitas ameaças, como o *Projeto Escola sem Partido*, uma hipocrisia e incoerência, impedindo a professores, alunos e comunidades, de pensar e gestar conhecimentos no coletivo e em cumplicidades compar-trilhadas. Para o professor Leandro Karnal, esse projeto patrocinado pelo DEM, PSC e PSDB (alguns partidos dentre a proliferação atual), são atos que fazem parte de uma demonização da política, uma das heranças da ditadura militar. Em 1964, eu tinha 19 anos. Nasci em 1945. Sou nascida, gestada em densidades e datas de matanças físicas, políticas e de mentes-negadas. Uma das opções na vida – ser artista-professora – viver em estado de criação, pessoal e coletivamente. Não existe separação nem fronteira. Não um unísono e não duas práticas. A pesquisa permeia, habita e mantém um estado de gravidez permanente, uma curiosidade incessante que pede trabalhos que só acontecem com a participação e presença das pessoas em ato, em situação, em acontecimento.

Vivemos, nos Brasis e nas Américas Latinas, muitos países e inúmeras mini-comunidades, muito além de uma etnia, quer seja “identitária”, quer seja “paiseira” (de um país continente como o “nosso”). Somos e nos constituímos de fissuras e agitações entre uns e outros – *um é um outro* (Rimbaud). Somos colonizados e somos colonizadores, adoramos ditar regras, métodos e colagens de conhecimentos. **Somos um condensado e uma adensação de germinações.** Nós-educadores, temos uma hiper-responsabilidade perante as pessoas e nas comunidades nas quais atuamos, pessoal e coletivamente.

Vivemos *ditaduras brancas* (Jesus Martim Barbero). Os processos de violência são típicos da estupidez. Alguns projetos, como esse da *Escola sem Partido*, querem que crianças e jovens sejam massas de manobra. Toda opinião é política. A escola é lugar de debates e de produção de diferenças de si e de si(s), no plural, lugar de proliferação e de germinação com singularidades.

É urgente e necessário uma escuta do corpo pessoal e dos corpos sociais. Um saber-do-corpo, uma micro política de re-existência, pois somos “fôrças” do mundo, pedindo “fôrmas”; a serem gestadas na arte, na educação, nas culturas, no dia a dia, na vida coletiva. Poderia dizer nos modos de nos educarmos uns aos outros, de cumplicizar a(s) arte(s) e vivenciar a proliferação das culturas em cada um de nós e nos coletivos, seja de dois, seja de muitos. Poderia citar Suely Rolnik e suas colocações, tomando a fita de Moebius como imagem, e a Proposição *Caminhando*, de Lygia Clark. Esse ato trabalha a fricção entre resistência macro, micro e invenções de mundos-mínimos. Temos que decifrar o macro a partir do saber-do-corpo. Nas culturas, temos que considerar o colonial, o atual, o diverso, as escolhas, os acolhimentos, as escutas. É Uma Vida pedindo que seja des-cifrada, mais do que “sabida ou vivida”, “questionada ou sequer, respondida”. **A vida é um complexo de intensidades e... e... e..., ao invés de acúmulos e de sabedorias a nos engolir.** É urgente pensarmos a emoção-vital das ruas cheias de manifestações, cheias de dezenas de pessoas dizendo e apontando um mal-estar, mundos afora. São urgências, as experiências do gozo de ativar as tensões de mínimos do cotidiano. A vida é gozo-vital, exigindo “surgências”. Temos que extrair uma ética do desejo, sem a “pressuposta identidade” e a redução de um lugar numa grade dada e feita de interesses. É preciso não suportar uma vidinha de “shoppings”. É preciso ir ao encontro do saber com sabor-de-germinação, um re-com-figurar sem “final feliz” para “segurar um mundo-globo-criatível” na mão-corpo inteiro. É preciso uma disponibilidade para o anárquico vulnerável, deixando passar acontecimentos (que se façam acontecer, sem a priores e sem posteriores esperados). As palavras-textos, colados, foram lidas, durante o V Diálogos, para que as pessoas experienciassem, cada uma, sua fabricação de um texto, em estado de poésis. Propositadamente assim aparecem nessas bricolagens, homenageando Aloísio Magalhães e seus cartemas. Assim denominados por Houaiss, no Dicionário (uma vez que a palavra não existia antes).

Suely Rolnik escreve, *a arte é o campo privilegiado de enfrentamento do trágico. Um modo artista de subjetivação se reconhece por sua especial intimidade com o enredamento da vida e da morte. O artista consegue dar ouvidos às diferenças intensivas que vibram em seu corpo-bicho e, deixando-se tomar pela agonia de seu esperneio, entrega-se ao festim do sacrifício. Então, como uma gigantesca couve-flor, abre-se seu corpoovo, de onde nascerá junto com sua obra, um outro eu, até então larvar.*

Depois dos dias 24 e 25

Larvar, aparece nesse texto, nas interlocuções com Patricia Raquimán, de Santiago do Chile, nos dois dias de agosto de 2016, no V Diálogos Internacionais de Artes Visuais, em Recife, na UFPE. Ela mostrou trabalhos da experiência: *Lavar os medos*. Os medos foram escritos em papéis, cada pessoa escreveu seus medos. Depois lavados, um a um, medo a medo. Depois pendurados, todos juntos, num coletivo de medos-lavados. Medos lavrados e compar-trilhados, agora larvar-borboletas. **Lavar os medos** gerou, para mim, **lavar os medos, larvar os medos. Lavrar a arte na vida. Larvar a arte na educação**. Os diálogos geraram uma euforia intensiva e desafiadora, de encontros e de acontecimentos que pulsam, pedindo linhas, palavras, leituras, memórias acolhidas. Esse texto, mesmo que incipiente e quase absurdo, pede a germinação do que brotou nos dois dias e continua a germinar brotamentos.

Faço uma série de combinatórias com as datas dos diálogos. Esse texto pode ser lido com os números combinados, na tentativa de criar no verbal, um cartema, uma colagem, outros modos de ler e montar um texto-entre-muitos-sopros. Lygia Clark, em 1980, nos traz a proposição-sopro: *Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.*

As datas das conversas

- 24-08-2016
- 25 -08-2016

As datas das combinatórias

- 08-24-2016
- 08-25-2016
- 2016-08-24
- 2016-08-25
- 2-4-0-8-2-0-1-6
- 2-5-0-8-2-0-1-6

2-5-0-8-2-0-1-6

Rendarias



Passei os seis primeiros meses de 2016, desenhando com canetas vermelhas, linhas finas sobre rendas de papel (guardanapos para bandejas). Em julho, numa tarde de 4 horas seguidas, pinguei água com conta-gotas, fazendo vazar as rendas-desenhadas “com tanto esmero” (como diziam as pessoas. Até comprar, uma pessoa queria. Não vendi). O meu compromisso era com um contínuo, a acontecer. Os vermelhos molhados banharam a toalha adamacada. As rendas escorreram de seus “nichos”. Os desenhos escaparam para com-figurar desenhos outros, nem pensados, nem imaginados. A água-cúmplice teceu os caminhos que quis, apenas dei-lhe tempo, escuta e passagem, como se as águas moventes da Bahia de Todos os Santos estivesse ali a se desenhar.

Trago, para pensarmos, para além de um desenho que vasa, o filme que também faz vasar uma cidade: *Meia Noite em Paris*, de Wood Allen. Trago também esse trabalho mais recente, **Rendarias**, na *Exposição Processos. Alguns grãos poéticos em outros retalhos*, na EBA-UFBA, em 08 de julho de 2016.

Em *Meia Noite em Paris*, ao badalar da meia-noite, Gil, o ator principal, americano e compelido a ser um escritor, é carregado por um carro, para os anos 20. Em muitas noites, vai a várias festas e conhece Scott Fitzgerald, Gertrude Stein, Pablo Picasso, Ernest Hemingway, Salvador Dali, chega a ter um romance com Inez, uma moça do século anterior. Fantasias se fazem acontecer, os tempos atuais estão ancorados em tempos anteriores, as culturas francesa e americana se esgarçam pelos valores de Gil, de sua noiva e seus pais, típicos de uma sociedade americanizada, para além de ser-americana.

A indústria do turismo é porosa e frágil, mas o imaginário-vivente de Gil sustenta os tempos das meias noites e a entrada sempre, no carro-do-tempo-acontecimentos. Esses acontecimentos volatizam, escapam pelos excessos de dia-a-dias escorregadiços e concomitantemente, sustentados por um desejo de um escritor que não emerge, mas que se deseja-escritura de Uma Vida (Gil).

Rendarias, uma intervenção realizada em águas baianas. Ponto da apropriação de uma foto das rendas feitas por rendeiras da Ilha de Maré (próxima a Salvador), presas num varal, tendo como fundo, o azul do mar. Minhas rendas são papéis para acolher doces e salgados. Esses, depois de comidos, deixam rastros nos guardanapos que são jogados fora. Os primeiros que tive, ganhei de minha mãe e os guardei durante vinte anos, estão amarelados de tempos-largos. Alguns são parte de **Rendarias**. Outros são compras recentes, brancos-alvaiades. Desapego os guardados-memórias de uma mãe que já foi. Agrego hoje aos ontens de outrora. A mesa posta, recebeu os desenhos-rendados de vermelhos e mini-louças brancas com amêndoas glaçadas em cores variadas. Essas amêndoas são comidas em datas de celebrações. Celebrávamos nessa Exposição, o encontro entre MAMETOnenses e suas diversificadas pesquisas. A curadoria é da líder do Grupo de Pesquisa – MATéria, MEMória e CONceito, da EBA – UFBA, Viga Gordilho. As pessoas eram convidadas a comer os “miúdos mastigáveis” com a pinça de dedos. Mas antes recebiam uma camada de álcool gel que deveria ser passado de mão-em-mão. Assim começavam os encontros, com muita alegria e cumplicidade. E com risadas pelo inesperado. **Rendarias** enredava as pessoas, pelas mãos, pelos corpos, pelos atos de comer mini-comíveis, limpar as mãos, servir a um e outro, comer e olhar os “meus” pingamentos d’água a desenhar inesperados.

A arte, um testemunho do encontro com o irrepresentável que desconcerta todo pensamento – e, a partir daí, um testemunho contra a arrogância da grande tentativa estético-política do devir-mundo do pensamento... Um modo de articulação entre maneiras de fazer e modos de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento. Jacques Rancière, em A partilha do sensível.

2-4-0-8-2-0-16

Pão Carteiro

A Intervenção Livro Interativo - Pão Carteiro, realizada no MUBE-SP, em 04 de



julho de 2016. Mini pães com formato de livros abertos são servidos aos participantes do I Encontro de Arte Educadores do Estado de São Paulo-FAEB SP. Para encontrar um padeiro-cúmplice de meus livros, foi difícil. Até que um confeitiro de mão-cheia se encantou por meu desejo, fez testes e chegamos a uma “decisão criável”. Comentei com uma amiga, também paraibana, quencontou – *o pão carteiro, comemos no interior, mas é carteiro de carteira de notas, de dinheiro e, não de cartas*, como imaginei, num primeiro momento. Quando criança comi muitas bolachas com nome de Sete Capas e que, também são camadas, nem lembrava das bolachas.

Criei, para sustentar essas mini ações coletivas de comer, as seguintes categorias: fazedores (os que fazem o que se come), comedores (os que comem), cozináveis (os cozidos, assados, banhados, vaporizados), comíveis (tudo que se possa comer, da terra ao ar, como o cará do ar), os famintos (os que tem fome e a saciam), os fomedores (os que não comem, porque não podem e os que não tem o que comer, mundos afora), os comentes (os que mentem pelas comidas, em todos os sentidos e, além do mundo virtual. As enganações, as usurpações, os desvarios sobre comer como uma das necessidades de cada pessoa. As obesidades e as anorexias fabricadas. A ditadura da beleza e a assepsia de não poder-sentir e habitar um corpo).

O comer é vivo, assim como as palavras. As palavras são excreções e secreções de um corpo pela boca-focinho, que expele e engole mínimos do mundo. Pães comidos, juntos, são extensões de bocas-corpos-mundos. A arte pensada como forma de inscrição no sentido e de comunidade e nas sensações habitadas de estar junto – comunidades em-se-desenhando com pães comíveis. A arte como experimentação micro política e presentacional – miúdos que se agregam e se desfazem, comem juntos e se dispersam. Pão Carteiro, no MUBE, no Encontro entre arte educadores, como fresta e suspensão de um tempo corrido, programado, um tempo transformado pela partilha de mini pães que, de poucos, são migalhas vazando letras, palavras, estados de arte sem “arte”.

2016-08-25

Transitoriedades na arte, na educação, nas culturas – im.per.manência.s a sustentarmos.

Arrumar a vida, por prateleiras na vontade e na ação. Quero fazer isso agora, como sempre quis, com o mesmo resultado; mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza, de fazer qualquer coisa. Vou fazer as malas para o Definitivo, organizar Álvaro de Campos, e manhã ficar na mesma coisa que antes de ontem que é sempre... Fernando Pessoa, em Tabacaria.

2016-08-24

Arte é endereçamento, partilha do sensível, pedido de partilha a-com o(s) outro(s), um agora comprimido em presente, um intervalo da experiência, um futuro soterrado, um tempo labiríntico. Jacques Rancière, em *A partilha do sensível; estética e política*.

08-25-2016

Multidão, práxis coletiva, fluxo contínuo, biopolítico, corpo-corpus-ambiência. Somos, cada um, um mínimo da biosfera (anotações em aulas de Regina Favre e Peter Pal Pèlbart).

Aristóteles escreveu que a filosofia nasce do assombro. Do assombro de ser, do assombro de ser no tempo, do assombro de ser no mundo, em que há outros animais e estrelas. Do assombro nasce a poesia. E, no caso de Maeterlinck, como em Poe, esse assombro foi o do horror. Jorge Luis Borges, em *Biblioteca Personal*.

08-24-2016

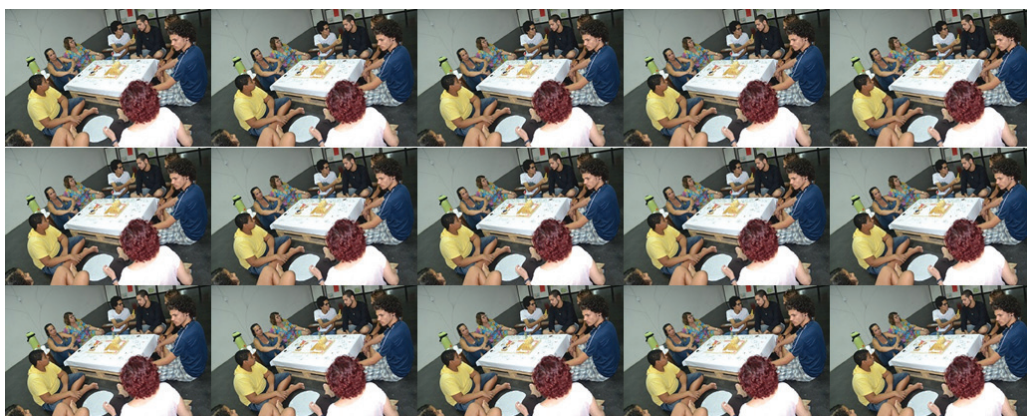
O artista, uma espécie de guerrilheiro. A arte, uma emboscada... O artista cria um estado permanente de tensão, uma expectativa constante... O artista (o escritor), uma espécie de sismógrafo, suspeitava Thomas Mann. Artistas antecipam terremotos... percebem e dão a ver (senão eles, ao menos suas obras), de modo muito singular, que as antigas engrenagens do mundo rangem, desgastadas e corroídas. Que o tempo sairá 'dos gonzos', como disse Hamlet. Marisa Flórido César em *nós, o outro, o distante; na arte contemporânea brasileira*.

25-08-2016

Livro *Biblioteca Personal*, de Jorge Luis Borges, lido entre 2011 e 2015, muitas vezes. Mapeado por listas dos 64 autores, nomes dos prólogos, escritos por Borges. Nomes dos livros citados, países de nascimento de cada um, apagamento das datas de morte e, no lugar, uma flor de decalcomania e um desenho de flor com esferográfica azul e vermelha. As mortes fazem brotar vidas e, as escritas de Borges e, de cada um citado no livro, os mantém vivos. Tanto que, no livro de assinaturas, na Exposição, em Recife, assinei os nomes de todos, sem faltar um. Dentre os livros citados, está *A Inteligência das Flores* de Maurice Maeterlinck (comprei uma edição portuguesa, de 1916). O livro de Maeterlinck gera o nome da Exposição-Imersão *A Inteligência das Flores* – a casa, na Galeria Capi-baribe, UFPE, em 2015. Recortei para mostrar nos dias dos V Diálogos, apenas as **Mesas de Comer**, montadas naquela residência. Pequenos comíveis, com a ponta dos dedos,

eram partilhados com conversas, água, café, celebrando suspensões de tempos-corridos para, sentarmos, comer miúdos, conversar, habitar aquela casa-chão sem paredes de tijolos ou sequer concretos e cimentos armados. Parede de apenas tábuas encostadas no piso, criando cômodos de uma casa-imaginária. A casa em Recife e, os atos de comer se constituíram como percursos colaborativos, (a)(r)to-grafias, experimentação intensiva-imersiva. (a)(r)tografia, uma concepção de Rita Irwin, no artista “researcher” (pesquisador) em práticas visuais. O artista-pesquisador-professor que, cria seus trabalhos e suas aulas – um uníssono.

Se é certo que se nos deparam plantas e flores desengraçadas ou pouco felizes, certo é também que nenhuma há, inteiramente desprovida de descrição e habilidade. Todas se esmeram na execução de seu papel; todas tem a magnífica ambição de invadir e conquistar a superfície do globo, multiplicando infinitamente a forma de existência, que elas representam. Maurice Maeterlinck, em *A Inteligência das flores*.



Outras numerações, os dias que debruço para a escrita dessas des.ordens

- 15-09-2016
- 17-09-2016
- 09-15-2016
- 09-17-2016
- 2016-09-15
- 2016-09-17

2016-09-17

O homem, a planta-homem, deve enraizar-se antes na nascente suave do real, na delicadeza de um brotar e de um borbulhar para então e só depois colocar a cabeça e corpo no mundo-realidade. Antes do mundo liso da instituição há o mundo nascente do poema. Todo homem deve passar pelo sopro do poema; poema em que o gesto da criança fez-se um no rosto daquele que o festeja. Quem não é saudado no interior do brilho apaga-se e é engolido na garganta do vazio. Juliano Pessanha, em *Testemunho transiente*.

Bibliografia

BORGES, Jorge Luis. *Biblioteca Personal*. Madri, Alinza Editoria, 2000.

CESAR, Marisa Flório. *Nós, o outro, o distante; na arte contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro. Ed. Circuito, 2014.

MAETERLINCK, Maurice. *A Inteligência das flores*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1916.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Testemunho transiente*. São Paulo, Cosac Naify, 2015.

PESSOA, Fernando. *Tabacaria, e outros poemas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível, estética e política*. São Paulo, Ed. EXO Experimental, Ed. 34, 2005.

www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/Artecli.pdf